

GOMES, Eustáquio. Vida, paixão e crise da arte contemporânea na cidade de Campinas. Correio Popular, Campinas, 21 fev. 1982.

Correio - A Semana de Arte Moderna de 1922 acaba de fazer 60 anos e isso não pareceu comover excessivamente setor algum da arte contemporânea. Pode-se dizer que houve mesmo uma intenção expressa de subestimar os efeitos da Semana nas seis décadas que se lhe seguiram. Em Campinas, a ressonância da comemoração foi quase nenhuma, o que não deixa de explicar uma indiferença historicamente muito claramente justificada: é que a arte visual contemporânea só chegou aqui em 1958, isto é, com 36 anos de atraso em relação a Lasar Segall e a Tarsila do Amaral.

Thomaz Perina-Bem, não podemos esquecer que a Semana foi um fenômeno brasileiro. A maioria dos países ditos cultos não teve Semana alguma e acabou gerando artistas que se situam dentro da mesma contemporaneidade. Sotro, no Uruguai, é um expoente de arte contemporânea. A Coreia está há muito no compasso da arte moderna. E pode-se dizer que o Japão, só para citar um país não ocidental e que antes da Segunda Guerra havia passado ao largo dos movimentos culturais europeus, o Japão lidera possivelmente o setor. E isso graças a seus habilidosos artistas, não aos movimentos.

Dayz - Você está querendo dizer que a Semana é, afinal, um acontecimento de segunda ordem?

Perina - Bem, era o que eu pensava. Mas depois, raciocinando melhor, pensei também que no Brasil acontecimentos como a Semana talvez sejam mesmo necessários. É que a Semana colocou o Brasil dentro da problemática da cultura do século 20. Creio que repetimos esse "esforço de atualização" cultural em 1958, aqui em Campinas. Nesse sentido o aparecimento do Grupo Vanguarda e a explosão da Semana tiveram o mesmo sentido prático. Foi preciso a gente se reunir — não é, Biojone? — e, com 36 anos de atraso, implantar a arte contemporânea em Campinas.

A pintura moderna chegou aqui com 36 anos de atraso

Bernardo Caro - Pois é, veja você. Campinas passou três décadas e meia ignorando um movimento que já havia marcado pelo menos duas gerações de intelectuais e artistas.



Correio - Há uma explicação plausível para isso?

Caro - Não sei, mas penso que influiu muito o fato daqueles pintores acadêmicos que dominavam aqui serem todos autodidatas. Quero dizer, eles não tinham tido uma oportunidade real de assimilar o espírito da Semana, que é um espírito sem dúvida complexo. Não havia um canal de comunicação possível entre eles e a Semana. Eu mesmo só tomei contato com ela em 1960, quando tinha 30 anos. Graças ao ambiente



em que vivia, eu a menosprezava profundamente.

Correio - O Grupo Vanguarda veio então, digamos assim, criar uma mentalidade favorável à produção e ao consumo de arte contemporânea em Campinas.

Perina - Vamos analisar o que acontece hoje. A pintura acadêmica tem ainda o seu status de arte, sem o ser. E esteja tranqüilo porque isso é um fenômeno mundial. E preciso admitir que a arte contemporânea se destina a

Vida, paixão e crise da arte contemporânea na cidade de Campinas

Entrevista a Eustáquio Gomes

CONTROVERSA

Ao contrário do teatro e da música, que experimentaram grande desenvolvimento, as artes plásticas em Campinas entraram em franco processo de declínio nos últimos anos, se não em termos qualitativos, pelo menos na sua dinâmica de produção e evidenciamento. Todos os pintores apontam como marco do início desse processo a violenta defasagem do Salão de Arte Contemporânea. A culpa parece recair, na opinião da maioria, sobre a atual administração municipal. Debatem o assunto três artistas de renome — Thomaz Perina, Bernardo Caro e Francisco Biojone, este também proprietário de galeria — e uma especialista do Grupo Vanguarda, Dayz Peixoto.

alguns iniciados, em geral uma elite cultural ou econômica. Em 1958 era preciso, antes de sensibilizar essa elite, informá-la a respeito de arte contemporânea.

Correio - De qualquer forma o atraso de 36 anos é surpreendente, uma vez que a arte moderna sempre andou na esteira aberta pelo poder econômico. E Campinas ostentou sempre uma condição econômica acima da média, sem falar na sua evidente vantagem geográfica em re-



Perina: "Uma cidade linda, mas operária"

lação a centros como, por exemplo, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Perina - Não concordo em que Campinas é uma cidade com uma condição econômica tão invejável. Ela sempre foi uma cidade operária. Possuímos grandes indústrias, mas não os grandes industriais. É uma cidade operária e estudantil. O poder aquisitivo é, de um modo geral, baixo. A cidade engana, porque é urbanisticamente linda, de horizonte claro e oferece de fato uma excelente qualidade de vida. Mas pára aí.

Biojone - Não se pode esquecer que ela é a terceira praça bancária do país. Isso significa que aqui circula dinheiro. *Perina* - É o dinheiro operário. Os nossos industriais, os empresários, os comerciantes e os novos-ricos de um modo geral não consomem arte. Se consomem, é possível que o façam fora daqui.

Correio - De todo modo, a cidade teve seu momento de fastígio artístico de 58 até o final da década de 70, quando o Salão de Arte Contemporânea começou a definir. Cito o Salão porque parece ter sido um marco importante para a afirmação da cidade no panorama nacional.

O Grupo Vanguarda, ao se fragmentar, acabou esquecido

Dayz - É, ele chegou a ser considerado o melhor salão do país.

Correio - A restauração de uma promoção dessas não daria à cidade, hoje com quase 1 milhão de habitantes, uma nova dinâmica em termos de produção e consumo de arte?

Perina - Há fundamento nisso. Mas entramos num problema político e isso cheira mal. Estamos tão descontentes com essa administra-



Caro: "Nossos artistas se acomodaram"

ção municipal que a gente chega até a caluniá-la. Nada fizeram pela arte e estão sempre reclamando de falta de dinheiro.

Correio - Há quem fale que, depois do declínio do Salão, a arte de Campinas entrou num processo de defasagem e de descompasso em relação ao que se produz no resto do país. Temos ainda uma arte contemporânea?

Dayz - Temos. Só há um problema com a arte de Campinas: ela não está sendo promovida como deveria ser. Há aqui um grande número de artistas de excelente qualidade que, dentro de uma panorâmica nacional, são considerados artistas menores. O que marca essa diferença é apenas a falta de divulgação.

Caro - Não, aceito uma certa defasagem no momento. Nossos artistas se acomodaram, não estão contribuindo com novas pesquisas. Por que pararam? Porque faltou estímulo e apoio do Poder Público. Só temos visto ultimamente exposições de baixo nível criativo, coisa repetitiva, simples diluição de técnicas já experimentadas. Muitos julgam hoje que estão

fazendo arte contemporânea e no entanto criaram o seu próprio academismo. São acadêmicos dentro da arte contemporânea, repetindo técnicas, teorias e formas de experiência.

Dayz - Falta à cidade um sentimento de contemporaneidade?

Caro - Falta aos artistas de Campinas um sentido de busca da realidade contemporânea. Onde está essa realidade? Eu também não sei, mas imagino. Faço pesquisas. Corro riscos o tempo todo, dou frutos bons e também autênticos desastres, mas corro o risco.

Biojone - Prefiro ficar com a opinião da Days quando disse que tudo se resume a uma falta de ressonância. Vale a pena lembrar o trabalho feito nesse sentido pelo grupo Vanguarda, que foi um grupo que "quase chegou lá". O mal foi que cada elemento do grupo, tão logo conseguiu uma afirmação pessoal, tratou de se isolar. Hoje cada um está na sua e a maioria adotou uma postura indiferente em relação à fama. Eu digo por mim: pouco estou ligando para que o crítico vá dizer da minha obra, porque a obra que estou fazendo é aquela que eu quero.

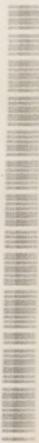
Quanto ao consumidor, se ele consome, ótimo. Se não consome, não é problema meu, é dele. Mas o fato é que naquela ocasião estávamos lá: era no Rio, no Amazonas, na Bahia, onde houvesse um salão, estávamos lá. Quando um elemento do Grupo expunha, levava junto o nome do grupo. Era um rótulo, uma marca muito eficiente.

Days - Eram uns autênticos rapa-prêmios.

O responsável pela morte do Salão: a crítica de arte

Perina - Éramos moços, todo esse tumulto era possível. Hoje, que eu já me defini a favor do recolhimento e do trabalho propriamente dito, não sou capaz de me deslocar a São Paulo ou ao Rio para implorar, mendigar a divulgação de meus trabalhos. A mim isso me cansa. Penso que nada tem a ver com a arte verdadeira, embora tenha a ver com a arte enquanto produto.

Biojone - E no entanto aquele trabalho proporcional de duas décadas atrás foi tão consistente que rende frutos até hoje. Vou contar uma história para exemplificar. Eu tinha um grupo de alunas que entraram numa excursão da Childrens para visitar três mansões do Morumbi. Numa dessas mansões, en-



contraram um quadro ocupando o centro de uma parede muito bem iluminada, esse quadro parecia uma pintura no estilo Biojone. As alunas evidentemente julgaram que se tratava de um trabalho célebre sobre o qual Biojone um dia tivesse feito algumas experiências. Quando consultaram o monitor delas, ficaram surpresas de saber que o quadro era realmente de Francisco Biojone, pintor nascido em Campinas, pertencente ao Grupo Vanguarda, enfim: tiveram de ouvir toda aquela patacoada



Dayz: "É apenas um problema promocional"

biográfica. E isso tudo como resultado da ressonância que alcançou o Vanguarda.

Dayz - Mas essa ressonância vem perdendo velocidade com o tempo.

Biojone - É que todos os nossos críticos estão morrendo. O José Geraldo Vieira já morreu. O Geraldo Ferraz também. Temos os concretistas Haroldo e Humberto de Campos, em São Paulo. No Rio o único crítico que nos respeita, o que é uma grande honra, porque também é o único que eu respeito, É o Marcos Pekovski, que é o único crítico de nível internacional que temos. Mas a queda de ressonância leva ao problema da desintegração do grupo. Digamos que os pintores contemporâneos daqui não estejam interessados numa circulação humana muito intensa em volta deles. Eles não querem ateliês devassados, e questão de ideologia mesmo, você quer fazer sua arte sossegadinho no seu canto e pronto...

Perina - Eu reconheço que escolhi essa alternativa. Se isso é bom ou mau, não sei, mas me agrada.

Biojone - Mas todos estão nessa. O Mário Bueno está nessa. O Raul Porto está na dele.

Caro - Tudo isso porque a municipalidade não assumiu o papel que lhe cabe. Ela permitiu que os críticos acabassem com um veículo de difusão importantíssimo como era o Salão. Esse fato é fundamental. Nos últimos dez anos, o Salão nunca teve uma direção segura, sempre esteve entregue a funcionários não especializados que se viram envolvidos pela máfia da crítica brasileira. Esses críticos transformaram o último salão num simples seminário, imagine, e além disso manipulando arbitrariamente a verba municipal destinada ao Salão.

Correio - Que espécie de manipulação?

Os acadêmicos ainda vendem mais no mundo todo

Caro - A verba foi desviada para os gastos com esta-



Biojone: "O Vanguarda quase chegou lá..."

dia de artistas de fora e dos críticos que os protegiam. Eu, na época, não me furtei à obrigação moral de denunciar isso, e até hoje sou solapado em muitos jornais, sequer tocam no meu nome. Mas o plano deles, dos críticos, era realmente acabar com todos os salões do País, reduzi-los a ciclos de palestras que melhor esclarecessem a sua ideologia.

Dayz - E conseguiram?

Caro - Felizmente não. Ainda há hoje excelentes salões funcionando em Ribeirão Preto, São Bernardo, Santo André, Curitiba, Belo Horizonte, etc. Mas em Campinas, que tinha o melhor salão de arte do País, eles alcançaram pleno êxito.



Perina - O Bernardo tem razão num sentido: os críticos traziam como convidados os grandes valores de fora e não procuravam saber se existiam valores na terra.

Biojone - É, a turminha da terra dançou. Não há dúvida, faltou a esses críti-

cos um reconhecimento real do nosso trabalho. Afinal, temos toda uma documentação que prova que o Grupo Vanguarda teve ressonância nacional e até internacional. Muitos dos nossos expuseram no Japão, nos Estados Unidos, na França, na Espanha... O Perina, por exemplo, chegou ao Japão coroado de fama.

Perina - Bem, eu havia ganho na época o Prêmio Go-



vernador do Estado, que é o maior prêmio a nível regional. Então eles não tiveram como não me incluir naquela mostra do Japão...Fui com o Manabu Mabe, a Tomie Otake...

Biojone - Afinal, o esquecimento não foi tanto assim. Ainda estamos no "panorama da arte atual", no MAM

de São Paulo. E com quem? Volpi, Mabe, Tukushima, Tomie Otake, Ianelli. E ainda há pouco saiu aquela publicação da Abril sobre arte moderna. O Grupo Vanguarda está inteiro lá.

Dayz — É, mas de leve, de leve...

Biojone — Tudo o que se faz em termos de arte no Brasil é de leve. Não há críticos, não há ninguém. Os artistas sacralizados são fruto da moda ou de um extravagante jogo de cintura. Jogo de salão, melhor dizendo. Tenho vendido muitas gravuras do Glauco Rodrigues ultimamente, e por que? Porque na novela "Brilhante" na casa do sr. Fulano de Tal, tem uma gravura do Glauco. Volpi também está na novela. Como vendi Volpi!

Dayz — O Pancetti, que por sinal é campineiro, também está lá. Na sala da dona Chica.

Correio — Há alguém que viva exclusivamente de arte hoje em Campinas?

Biojone — Eu sou professor secundário, o que equivale a dizer que vivo de arte. Devo novamente lembrar que tenho uma galeria. Pelo que sei, o único pintor que vive de arte aqui é o Aldo Cardarelli. Cada quadro seu vale 200, 300 mil cruzeiros. E, vejamos bem, é um pintor acadêmico.

Perina — Não é fenômeno só local não, isso do acadêmico ser mais vendável. Uma famosa galeria de arte concreta de Paris teve de fechar as portas, pois chegaram à conclusão de que vanguardismo não vende. E isso em Paris, imagine. E assim é em Londres, Roma, Nova Iorque. As telas acadêmicas ainda vendem mais em qualquer parte do mundo.

Dayz — É surpreendente.

Perina — Era também para mim, até há pouco. Hoje sei que quem pinta casinhas e coqueiros...

Biojone — Discordo ligeiramente, Thomaz. No primeiro ano de minha galeria, vendi realmente muitos acadêmicos. Mas acontece que eu sou também um catequista da arte contemporânea. No ano passado, não consegui passar adiante uma única tela acadêmica, enquanto que os contemporâneos se venderam todos.

Dayz — Isso contradiz agradavelmente o que o Perina disse.

Perina — Graças a Deus.